

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA - PLANALTINA-DF

AS CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR PARA A  
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES  
EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DO IFB - *CAMPUS* PLANALTINA

Davi Lucas Macedo Neves Cruz

BRASÍLIA-DF  
JULHO - 2012

AS CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR PARA A  
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES  
EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DO IFB - *CAMPUS PLANALTINA*

DAVI LUCAS MACEDO NEVES CRUZ

Trabalho monográfico apresentado como requisito final  
para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de  
Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física  
do Programa Pró-Licenciatura - Polo Planaltina-DF.

ORIENTADORA: ANA AMÉLIA NERI OLIVEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR PARA A  
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES  
EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DO IFB - *CAMPUS PLANALTINA***

Trabalho monográfico apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura - Polo Planaltina-DF.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.(a) Msc. Ana Amélia Neri de Oliveira  
ORIENTADORA  
Universidade de Brasília - UnB

Prof.(a) Dr.(a) Keila Elizabeth Fontana  
PRESIDENTE  
Universidade de Brasília - UnB

Prof.(a) Esp. Gildéte Rainha de Lima  
MEMBRO  
Universidade de Brasília - UnB

Brasília-DF, 11 de Agosto de 2012.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me amou desde sempre, com um amor particular e infinito, a quem dou toda glória por este trabalho.

Em especial a grande 'Mulher' Priscilla Cruz, por 'existir' na minha singela vida e fazer dela uma grande realização no Mundo, pela juventude de sua alma, pela liberdade que me proporcionou no desenvolvimento do meu lado profissional, pela orientação segura e competente, cujos ensinamentos e atitudes serviram de referência para as minhas próprias escolhas, interlocutora de todos os momentos, pelo suporte intelectual e afetivo.

À minha filha Luna Eduarda e meu Lucas Eduardo pelos momentos de prazer que deram suporte para seguir em frente.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Laura Maria, pelo exemplo de vida e caráter; por todas as oportunidades que me ofereceram, pelo apoio, e por terem me proporcionado momentos de tranquilidade e reflexão durante a redação deste trabalho.

Aos meus irmãos, Daniel Américo, Luiz Mário, Laura Danielli, Danilla Anny e Duardysson Matheus, pelo carinho e orações que sustentaram este trabalho.

As minhas cunhadas e cunhado pelo empenho em criticar meu lado individual, e fazer dele um apoio emocional para desenvolver em mim, o grupal.

A todos os meus professores da UnB, pelos valiosos ensinamentos. Sinto muito orgulho de pertencer à 'família Educação Física' desta Universidade.

Em especial a Prof.<sup>a</sup> Ana Amélia Neri pela atenção que dedicou à análise e correção desta monografia. À Prof.<sup>a</sup> Janaína Araújo Teixeira, pelo carinho e pelo olhar atento e sensível com que leu o meu trabalho.

A todos os funcionários da UnB - Pró-Licenciatura, em particular a Adriana, Jitone, Nilza e Mariana, pela atenção e solicitude com que sempre me trataram.

## RESUMO

O estudo teve como enfoque uma reflexão das práticas inclusivas no IFB-PLA, para verificar as contribuições que os professores de Educação Física podem oferecer para uma prática pedagógica inclusiva na instituição educacional em questão no curso integrado em agropecuária. Evidenciamos alguns grandes pressupostos, que são: educação e inclusão; LDB, PCN's e inclusão em foco; práticas inclusivas e as abordagens metodológicas da Educação Física. Devido à relação dialógica existente entre os sujeitos e fenômenos investigados, realizamos uma pesquisa descritiva. Por outro lado, realizamos um estudo de caso para explicar o fenômeno da inclusão nas aulas de Educação Física no IFB-PLA e, por último, utilizamos a pesquisa bibliográfica para verificar as relações entre a teoria e a prática nesse contexto. Vale ressaltar que utilizamos um questionário, com questões abertas e fechadas, aplicado aos três professores de Educação Física, como instrumento de coleta de dados. Após a análise dos dados, pudemos constatar que, apesar de os professores possuírem os conhecimentos necessários à inclusão, não se sentem preparados para atuarem efetivamente nesse sentido. Além disso, os pesquisados apontam questões ligadas à infraestrutura e a postura dos demais profissionais em relação à inclusão. Com a realização do estudo, pudemos comprovar a urgência na necessidade do conhecimento sobre a inclusão, pois por meio dela, os professores de Educação Física do IFB-PLA poderão proporcionar uma melhor inserção/inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, em uma perspectiva de satisfação em relação ao processo de ensino-aprendizagem, com vista à diversidade humana.

**Palavras-Chaves:** Educação Física; Inclusão e Escola.

## **ABSTRACT**

This study had as a main focus a reflection on the inclusive practices at IFB-PLA so as to verify the contributions that Physical Education teachers can offer to an inclusive pedagogical practice in the integrated course in agriculture at this Campus. Some important assumptions were verified: education and inclusion; LDB; PCN's and inclusion in focus; inclusive practices and methodological practices in Physical Education. Due to the dialogical relationship between the subjects and the phenomena that were investigated a descriptive research was conducted. On the other hand, a study was also carried out to explain the inclusion phenomenon in the Physical Education class at the IFB-PLA and, lastly, the bibliographical research was used to verify the relations between theory and practice in this context. It is worth to highlight that a questionnaire with open and closed questions was applied to three Physical Education teachers as an instrument to collect data. After this stage, it was possible to ascertain that despite having the necessary knowledge to perform inclusive practices, teachers do not feel prepared to implement more effective actions. Besides that, these teachers also point out issues connected to the infrastructure and the other teachers' attitudes towards inclusion because by means of inclusion the Physical Education teachers from IFB-PLA are going to provide a better integration of the students with special educational needs into a perspective of satisfaction in relation to the teaching/learning process, and aim at a human diversity.

**Keywords:** Physical Education; Inclusion and School.

## LISTA DE ABREVIATURAS

IFB: Instituto Federal de Brasília

IFB-PLA: Instituto Federal de Brasília - *Campus* Planaltina

PPI: Projeto Político Institucional (2009-2013)

NEE's: Necessidades Educacionais Especiais

PCN's: Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
2.1. Geral.....	11
2.2. Específicos.....	11
<b>3. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
3.1. Educação e inclusão.....	12
3.2. LDB e PCN's: a inclusão em foco.....	16
3.3. Práticas Inclusivas: uma abordagem a partir das abordagens teórico-metodológicas da Educação Física.....	20
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
4.1. Caracterização da pesquisa.....	24
4.2. Definição e critérios de seleção da amostra.....	25
4.2.1. Unidade de análise.....	25
4.2.2. Definição e critérios de seleção da amostra.....	26
4.3. Técnicas e procedimentos de coleta e análise dos dados.....	26
4.4. Cuidados éticos da pesquisa.....	29
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>
<b>8. APÊNDICES</b>	
8.1. Questionário aplicado aos professores.....	45
8.2. Termo de consentimento livre e esclarecido - institucional.....	51
8.3. Termo de consentimento livre e esclarecido - participante.....	53



## 1. INTRODUÇÃO

O presente projeto está atrelado ao contexto escolar. Assim, adotamos como linha de pesquisa “Educação Física e Saúde”, pois compreendemos que ela possibilita a construção de uma abordagem de estudo sobre a Educação Física Inclusiva. Assim, nossa reflexão pauta-se no professor de Educação Física com o sucesso da inclusão. Nesta direção, focamos este princípio na perspectiva da Educação Física.

Dessa maneira, promovemos um estudo e/ou reflexão na tentativa de contribuir para que as práticas excludentes se transformem em trabalhos inclusivos, melhorando, de uma maneira geral, as práticas pedagógicas presentes nas aulas de Educação Física.

Cientes da imensurável importância e da grande aceitação que a Educação Física possui entre a maioria dos educandos do Ensino Médio integrado do IFB-PLA, levantamos o seguinte problema de pesquisa: **como o professor pode contribuir para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária do IFB - Campus Planaltina?** Esta é a questão que norteará a pesquisa.

Na escola, de maneira geral, o desenvolvimento sócio-educativo dos alunos passou a ser visto como algo imprescindível, principalmente após o construtivismo. Neste sentido, a Educação Inclusiva pode ser considerada uma porta de entrada para esse novo paradigma, isto faz dela um dos temas mais estudados no meio acadêmico no contexto atual. De acordo com esses novos paradigmas, falar em inclusão deveria ser algo redundante, assim como, discernir sobre educação deveria ser sinônimo de retratar a igualdade, a liberdade e a democracia em todos os seus aspectos. Nesse contexto, o professor precisa estar consciente de seu papel de respeito à diversidade e às individualidades de cada aluno. Conseqüentemente, a Educação Física, mais que preparar o corpo, pode promover o respeito e a valorização da pessoa humana, sem precisar anexar o termo “*inclusiva*” em seu nome, tornando-o redundante.

Mesmo em instituições que se reconhecem como inclusivas, o processo ensino-aprendizagem, em sua maioria, baseia-se especificamente em reproduzir

práticas excludentes. Além disso, a própria formação do professor propicia a continuidade do trabalho em uma mesma linha pedagógica que desvincula os conhecimentos científicos da realidade dos alunos, desvalorizando suas necessidades e limitações.

Assim sendo, e ainda remetendo-nos aos novos paradigmas pós-construtivistas, que são embasados pelas abordagens crítico-superadora e sistêmica, sem abandonar as contribuições da teoria construtivista, o professor de Educação Física deve compreender que a inclusão é um processo imprevisível, sem regras ou fórmulas; que exige do professor uma formação constante e uma dedicação que saltam os muros da universidade superam a grade curricular de sua graduação numa constante busca da construção do conhecimento em sala de aula. Reconhecer as diferenças e o desenvolvimento do respeito mútuo é o meio para perceber uma verdadeira escola e, assim promover uma Educação Física alicerçada em práticas inclusivas.

Existem vários fatores que contribuem para a continuidade da exclusão nas aulas de Educação Física. Dentre eles, destacamos dois que permanecem muito evidentes: (a) deficiência na formação, com enfoque para as metodologias, estratégias e recursos de ensino para que auxiliem o professor a planejar suas aulas de maneira significativa para todos os alunos; e (b) a falta de empenho do professor na procura de uma formação continuada que amenize as lacunas deixadas na sua formação inicial.

Este trabalho foi dividido de maneira a abordar inicialmente os objetivos gerais e específicos. Após, na revisão da literatura, procuramos abordar conceitos referentes à educação e à inclusão, numa tentativa de contextualizar a inclusão no campo educacional. Ainda na revisão literária, discutimos sobre as leis que regulamenta a inclusão mais especificamente, a LDB e os PCN's. Num último momento, procuramos abordar os estudos referentes às práticas inclusivas no enfoque das abordagens pedagógicas da Educação Física.

Na Metodologia, caracterizamos a pesquisa, definimos os critérios de seleção da amostra, as técnicas e procedimentos de coleta e análise dos dados, e os cuidados éticos da pesquisa. Para tanto, Essa pesquisa ocorreu em dois momentos: primeiro, numa perspectiva teórico-metodológica, na qual nos apoiamos na literatura para analisarmos os estudos já realizados em relação ao

nosso tema de pesquisa, e nos documentos que orientam a prática da educação física no IFB - *Campus* Planaltina; segundo, na realização de um estudo de caso que pôde facilitar a compreensão do processo de inclusão no contexto da Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília - *Campus* Planaltina. Neste último momento, foram utilizados questionários como instrumentos de coleta de dados.

Após, na análise e discussão de dados, realizamos uma reflexão à luz dos estudos abordados na revisão literária sobre os dados obtidos na pesquisa. E, por último, nas considerações finais, constatamos a relevância dessa pesquisa para a identificação das contribuições do professor de Educação Física para a inclusão dos alunos com NEE's.

Vale ressaltar que o mesmo não se trata de um trabalho pronto e acabado. Trata-se apenas de um documento que traz ideias que surgiram durante os quatro anos do curso de Educação Física em contraposição à prática pedagógica e nas relações interpessoais estabelecidas com alunos, professores da área e gestores do Instituto Federal de Brasília - *Campus* Planaltina, em uma perspectiva da diversidade humana.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral:**

✚ Identificar e analisar as contribuições do professor para a inclusão dos alunos com NEE's nas aulas de Educação Física do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária IFB - *Campus* Planaltina, na perspectiva da diversidade.

### **2.2. Específicos:**

✚ Relacionar a proposta metodológica utilizada pelos professores de Educação Física e a proposta curricular da instituição;

✚ Identificar a percepção dos professores sobre inclusão escolar e suas limitações no contexto das aulas de Educação Física;

✚ Compreender as relações aluno-professor nas aulas de Educação Física, verificando se as mesmas contribuem para a inclusão.

### 3. REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1. Educação e inclusão

No quadro da Educação Brasileira, percebemos que a escola, ao invés de utilizar as práticas educativas como um meio de inclusão, reproduz práticas excludentes. Hodiernamente, a área da Educação enfrenta muitos problemas causados pelas mais diversas questões que lhe são impostas pela sociedade, uma delas é a inclusão.

A mundialização e/ou globalização constitui-se como um fator agravante do quadro descrito. Diante disto, a educação assume um valor imensurável, mas ela, sem práticas inclusivas e participativas que busquem a formação integral do aluno e o respeito à diversidade, torna-se obsoleta.

No contexto educacional, compreendemos que

a inclusão é afirmar o direito de todos à educação, invertendo o foco da “deficiência” para a eliminação das barreiras físicas, pedagógicas, de informação e comunicação, entre outras, que se interpõem no processo educacional e delimitam fronteiras entre alunos denominados “normais” e “especiais” (DUTRA, 2008, p. 30).

Todavia, no Brasil,

(...) os sistemas de ensino ainda têm um caminho a percorrer para assegurar uma boa educação a TODOS, (grifo do autor). É importante compreender que a inclusão não é tarefa da educação especial, mas das redes públicas de ensino (VIEIRA, 2008, p. 20).

Quanto à discussão sobre inclusão e sociedades excludentes, devemos ser sensibilizados de que,

a inclusão, atualmente presente em todos os setores sociais, traz em seu bojo a denúncia e o repúdio a essa sociedade excludente, colocando em questão um juízo moral abstrato que, com base em padrões ideologicamente estabelecidos, define que um é melhor que o outro pelo simples fato de terem constituições diferentes. É a partir desses critérios, (...), que são geradas as categorias de desvios, minorias que são “naturalmente” excluídas da convivência social (OLIVEIRA, 2003, p. 33).

É necessário compreendermos que a questão de inclusão e exclusão, não é meramente política, não podendo deixar que essa questão vire somente para a discussão, ou seja, a sociedade deve antes de qualquer coisa, propor uma mudança no processo de elaboração e planejamento no que tange a educação inclusiva em nosso sistema educacional e, acima de tudo, no sistema social. Uma vez que o que marca o indivíduo não é sua deficiência e muito menos sua constituição genética (seja física, mental, psicológica ou cognitiva), pois tais marcas são condições postas no contato escolar e social.

Com base no exposto e apoiado em Quadros (2008, pp. 20-21), é notório que,

cada cultura tem a sua forma de construir e pensar a diferença. Não podemos pensar em paradigmas homogeneizados e conceber a inclusão sem pensar nos processos linguísticos, sociais, culturais e epistemológicos para acessar o conhecimento. Uma das questões fundamentais é viabilizar e assumir as diferenças dentro dos espaços educacionais partindo do pressuposto que não basta estar junto para haver inclusão. Mas, importa o que fazem esses educandos dentro desses espaços para que sejam significativas as aprendizagens.

Nesta perspectiva, as diferenças devem deixar de serem obstáculos e passar a ser aliadas no processo de inclusão e de aprendizagem. Precisamos conscientizarmos que incluir não é ignorar a diferença. Pelo contrário, a diferença existe e é nossa aliada na construção do conhecimento em sala de aula e na troca de experiências que modifica o ser humano fazendo-o evoluir.

Para continuarmos a construir um conceito para a inclusão, com enfoque na educação especial, buscamos outra definição, qual seja:

nada mais é que um momento atual, ou uma reação às críticas, às práticas encontradas no passado da própria história da educação especial. Entender a educação inclusiva como novidade, ou algo que significa uma ruptura completa do que está estabelecido, é uma visão ingênua e simplista da história, além de não ser uma visão que contribui para o processo (MENDES, 2003, p. 28).

Completando tal proposição, “a mudança só pode ocorrer em pequenos avanços... a aceleração do processo pode fazer com que os indivíduos rejeitem

as novas práticas e sabotem os esforços de reforma”. (STAINBACK & STAINBACK, 1999, p. 264).

No que tange à educação especial, com a Portaria Ministerial Nº. 555/2007 foram nomeados professores pesquisadores na área citada, que foram incumbidos de elaborar a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Com esta iniciativa, pensaram, sugeriram, e, por fim, formularam tal proposta que possibilitou a propagação da educação inclusiva nas escolas públicas brasileiras. De maneira geral, podemos resumir as ideias de tais pensadores da seguinte maneira:

a proposta brasileira de educação especial, na perspectiva inclusiva, se diferencia das demais, porque garante a educação de todos os alunos, indistintamente, em escolas comuns de ensino regular e a complementação do ensino especial. Temos de aproveitar esses novos tempos para romper com paradigmas que nos detêm no avanço e melhoria da educação brasileira. (MANTOAN, 2008, p. 19).

Já feitos e analisados alguns pressupostos sobre inclusão, educação inclusiva e educação especial podemos caracterizar a inclusão como um processo no qual devemos conhecer e conviver com a diversidade, entendendo que as diferenças são partes dos seres humanos e caracterizam-se com o desenrolar de uma sociedade plural. Igualmente, é inevitável ao mencionar a palavra inclusão, em um contexto geral, admitirmos a possibilidade de uma vez ou outra termos que aceitar e direcionar o seu contrário, que é a exclusão. Para esclarecer e enriquecer tal pensamento, ressaltamos o seguinte:

devemos contextualizar essa análise teórica no interior de uma complexa sociedade excludente, cuja dinâmica psicossocial da relação entre diferentes grupos sociais cria tipificações e critérios padronizados para distinguir, pelo julgamento moral, os valores socialmente considerados como normativos (OLIVEIRA, 2003, p. 33).

Importa entendermos que esse momento da educação inclusiva é internacionalmente trabalhado e promulgado, o objetivo principal é a efetivação de uma sociedade justa e igualitária, fazendo com que nunca, em hipótese alguma, restrinja os direitos, possibilitando oportunidades iguais a todos. Reforçando tal

pressuposto, recorreremos ao pensamento de Aranha (2000, p. 2) que salienta o seguinte:

o principal valor que permeia (...) a ideia de inclusão é o configurado no princípio da igualdade, pilar fundamental de uma sociedade democrática e justa: a diversidade requer a peculiaridade de tratamentos, para que não se transforme em desigualdade social.

Em se tratando da prática pedagógica, da concepção educacional e acima de tudo do processo ensino aprendizagem, para que consigamos alcançar e vivenciar atitudes e comportamento inclusivos, proporcionando mudanças significativas, temos que direcionar tais pressupostos, de acordo com o seguinte plano estratégico:

estabelecer uma filosofia de escola baseada nos princípios democráticos e igualitários da inclusão (...); uma crença de que todas as crianças podem aprender e um compromisso de proporcionar a todas as crianças igual acesso a um currículo básico rico e a uma instrução de qualidade (...); ir além do seu enfoque tradicional, centrado unicamente na aprendizagem acadêmica básica (...); desenvolver redes de apoio na escola tanto para os professores quanto para os alunos que precisem de estímulo e de assistência (...); estabelecer processos contínuos para garantir o planejamento e a monitoração eficientes, efetivos e constantes para os alunos (...); estabelecer uma plano para oferecer assistência técnica para todos os professores e demais profissionais envolvidos (...); manter a flexibilidade (...); utilizar várias abordagens de ensino para satisfazer às necessidades de seus alunos (...); comemorar os sucessos e aprender com os desafios. (STAINBACK & STAINBACK, 1999, pp. 262-263).

Vislumbrando tais perspectivas para a educação inclusiva na sociedade capitalista, é imprescindível que o fazer político propriamente dito perpassa pela percepção de acabar com a exclusão dentro e fora dos ambientes educacionais, de modo a promover uma produção intelectual do conhecimento que permita lidar com os desafios da aceitação e respeito à diversidade em sua totalidade.

A atitude reflexiva da educação só poderá consolidar-se por meio de uma educação voltada à inclusão e à formação do cidadão e não à exclusão. Nestes termos, faz-se necessário que todos os atores sociais existentes no cenário educativo contribuam significativamente com ideias, opiniões e reflexões acerca

do processo educacional como um todo. Diante do exposto, a educação inclusiva torna-se um imenso desafio e exige que todos os atores envolvidos diferenciem a maneira de conceber a educação: o respeito, a diversidade, a defesa de igualdade, a aceitação do próximo como a si mesmo e a pluralidade cultural, pensando na etnicidade e no multiculturalismo da população brasileira.

Em uma visualização mais ampla, a questão coloca-se nas formas como as instituições educacionais interagem com a diferença. Ou melhor, a abordagem educacional com a qual a instituição escolar norteia sua prática pedagógica irá influenciar diretamente no sucesso ou fracasso da inclusão dos alunos com NEE's.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - *Campus Planaltina* -, destaca-se pela diversidade. É difícil, em um mundo globalizado, falar de diversidade. Mas ela é real, pula aos nossos olhos e grita aos nossos ouvidos o direito de todos serem atendidos em sua individualidade e em seu contexto social. Nesta perspectiva, propõe uma Educação Física inclusiva, dinâmica e participativa, além da mudança de paradigmas que fundamentem a efetivação do respeito à diversidade, embasado num planejamento coletivo e participativo (PPI-2009-2013).

A Educação Física pode evidenciar um possível caminho na construção de práticas educacionais inclusivas, oferecendo um legado de aceitação, compreensão, paciência e sabedoria nas instituições educacionais do Brasil e, de maneira especial, no IFB-PLA.

### **3.2. LDB e PCN's: a Inclusão em foco**

De acordo com Freitas, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ainda não possibilitou que a educação brasileira assumisse os direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais já previstos pela legislação. Para ela,

a justificativa dessa proposição político-educacional centra-se na necessidade de transformar os sistemas de ensino, a partir de uma concepção de ensino e aprendizagem que efetivamente respeite as diferenças dos alunos. Não se trata de pensar tão somente a educação para o deficiente, mas, sobretudo, de basilar



a prática educativa e a organização da escola no respeito à diferença do outro. (FREITAS, 2008, p. 22).

Com a democratização da educação é necessário garantir a todos o direito de participar do processo ensino-aprendizagem. Para isso, há que se atender a diversidade da população brasileira, incluindo as pessoas com necessidades especiais educacionais. Com isso, precisa-se garantir uma escolarização embasada na qualidade, aceitando e valorizando a diversidade, as condições reais de aprendizagens, e por último a maneira do indivíduo de assimilar as aprendizagens.

No Brasil, a inclusão baseia-se na Declaração de Salamanca, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), em variados documentos do Ministério da Educação, até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's. Tais documentos servem para nortear as ações educacionais no país. Como isso, é notória a necessidade de efetivarmos uma educação para todos, enfatizando uma educação inclusiva.

Ao visualizarmos a educação inclusiva como um princípio educacional, é indiscutível fundamentar uma prática pedagógica que resgate e possibilite a todos os educandos serem reconhecidos como agentes transformadores e indispensáveis no processo educacional. Uma ideologia positiva do real significado de inclusão nos lembra de que, “apesar dos obstáculos, a expansão do movimento de inclusão, em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo a práticas cada vez mais inclusivas” (KARAGIANNIS *et al.*, 1999, p. 44). Este modelo de educação pauta-se em abordagem diferenciada de escola, de ensino e de aprendizagem, favorecendo uma prática que tenha como principal objetivo uma aprendizagem mediada.

Atualmente, o movimento da educação inclusiva também nos obriga a pensar e aplicar questionamentos a cerca de seus sentidos e significados. A inclusão, não pretende somente integrar os alunos, mas assegurar-lhes a sua inserção e permanência. Dessa maneira, o princípio da inclusão nos possibilitou questionar as condições existentes na realidade brasileira para a materialidade da educação na perspectiva da totalidade.

Além dos obstáculos naturais, físicos e arquitetônicos, não podemos deixar de falar de outros evidenciados por Kohatsu,

há um outro tipo de obstáculo mais sutil, menos palpável, que pode comprometer e inviabilizar a permanência do aluno deficiente na sala de aula. Trata-se do preconceito, essa barreira atitudinal que se esconde por trás de diversas camuflagens, diferentes disfarces, e que impede brutalmente o relacionamento entre as pessoas. Se nas escolas regulares a denúncia de preconceitos pode ocorrer de modo mais flagrante, exatamente pela visibilidade que é dada ao diferente, tomo a liberdade de discutir, a manifestação do preconceito nas escolas especiais, **espaço onde se supõe erroneamente haver superado essa barreira pela simples razão de ser o local de reunião dos diferentes** “grifo nosso”. (KOHATSU, 2003, pp. 126-127).

Pelas palavras do autor, percebemos que o processo de educação inclusiva se desenvolve de uma forma que se torna inquestionável a necessidade de modificações no contexto da educação, pois a homogeneidade ainda é vigente nas escolas de todo o Brasil, sendo utilizada como um meio de camuflar as práticas excludentes presentes no interior das escolas (de ensino regular e/ou de ensino especial). Com vistas a reverter este quadro, é imprescindível construir um ambiente educativo heterogeneidade, aliada a uma concepção de cooperatividade e respeito à diversidade. De acordo com Mori (2003, p. 188), “o processo de inclusão é lento, tem entraves, mas não tem volta. Ainda que seja necessário reinventar a escola para que a inclusão se efetive, não se pode mais admitir o ensino segregado”.

A inclusão possui obstáculos que podem ser vencidos se levarmos em consideração a necessidade de um planejamento para a organização das ações, tendo em vista o seu enfrentamento deles. Para isso, Manzine (1999, p. 95) destaca que,

(...) não podemos perder de vista o ideal desse trabalho e deixar que a inclusão se torne um sonho que não virou realidade. Temos que apontar as dificuldades e traçar caminhos para superá-las em busca de uma sociedade mais justa, digna e que respeite indistintamente todos os indivíduos que a compõe.

Neste sentido, é função da escola minimizar a ênfase na deficiência e valorizar as habilidades individuais de cada um. Além disso, podemos partir da zona de desenvolvimento proximal do aluno, valorizando a diversidade e a colaboração entre os alunos Vigotski (1994). O que nos remete ao conhecimento que se constrói a partir daquilo que os alunos sabem e da colaboração/troca entre os eles.

Para nos situarmos melhor nessas reflexões, vamos considerar as representações que os professores têm sobre o processo de inclusão. Partindo desse ponto, de acordo com os estudos de Bachelard (1996), se a formação que o professor teve e continua tendo não levar em consideração as representações dele durante os cursos de formação, dificilmente, ele modificará suas concepções acerca da inclusão escolar.

O professor do qual estamos falando foi aluno de uma escola tradicional que valorizava a homogeneidade, o pensamento individual, as respostas prontas e conhecimento dogmático e inquestionável. Depois, ele foi formado por essa escola e, agora, atua nessa mesma escola. Uma escola que utiliza a mesma metodologia, as mesmas avaliações para diferentes alunos, mas enxerga-os como se fossem iguais. Quando acontece de um aluno se mostrar diferente, este é podado e modelado no modelo proposto pela escola. De acordo com Ribeiro, Mieto e Silva,

uma das explicações para tal fenômeno reside no fato de a escola não estar preparada para lidar com a diferença, já que se pauta na formação de agrupamentos homogêneos, padronizados, nos quais o comportamento tido como “desviante” é desqualificado, imputando ao sujeito considerado deficiente a inteira responsabilidade pelo seu fracasso. (2010, p. 2).

Para Patto apud Mieto e Silva (2010, p. 2), “esta divisão de alunos em busca da homogeneidade é ilusória e perigosa, pois é estigmatizante e mais impeditiva do que benéfica à progressão escolar”. Sendo assim, a Educação Física poderia contribuir para transformar esses conceitos solidificados nas mentes de nossos professores. Faz-se necessário desfazer essa ideia da homogeneidade e, como afirma Ramos (2010, p. 69), acreditar que “as diferenças entre os sujeitos de um grupo é que promovem o desenvolvimento”.

### **3.3. Práticas inclusivas: uma breve reflexão a partir das abordagens teórico-metodológicas da Educação Física**

A Educação Física inserida no contexto escolar precisa atentar para o movimento de educação inclusiva, uma vez que é componente obrigatório do currículo. Nesta direção, ela necessita constituir-se como um coadjuvante e, principalmente, como um adjuvante para que a escola seja (ou se torne) mais inclusiva. Existem várias razões para que a Educação Física tenha possibilidades de ser uma coadjuvante e adjuvante para a construção da educação inclusiva. Para tanto, o professor deve estar ciente de seu papel de mediador nas aulas de Educação Física.

Existem três razões para diagnosticar e aplicar a inclusão nas aulas da disciplina em questão e para que o professor possa atuar como um agente transformador, não somente nas aulas, mas também na escola e na comunidade. Em primeiro lugar, os currículos de Educação Física demonstram um grau de determinação e rigidez menor do que outras disciplinas, uma vez que o professor é possibilitado de uma maior liberdade para organizar e delimitar os conteúdos que pretende que os educandos vivenciem ou aprendam no desenrolar de das aulas. Assim, aparentemente a Educação Física seria uma área curricular mais facilmente inclusiva devido à flexibilidade inerente aos seus conteúdos, o que conduziria a uma maior facilidade de diferenciação curricular. Em segundo lugar, os professores de Educação Física são vistos como professores que desenvolvem atitudes mais positivas quando comparados aos demais. Com certeza, devido aos aspectos fortemente expressivos da Educação Física, os professores da área são conotados como profissionais mais ativos e favoráveis à inclusão, conseqüentemente, levantam menos problemas e encontram soluções mais facilmente para casos difíceis. Esta positividade na imagem do educador e suas dinâmicas na Educação Física tornam-se um elemento imprescindível na sua identidade profissional, por isso são frequentemente solicitados para participar em projetos de inovação na escola. Por último, a Educação Física é vista como uma área importante de inclusão, dado que permite uma ampla participação mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Esse fato pode ser

ilustrado com a onipresença da disciplina em planos curriculares parciais elaborados para alunos com necessidades especiais. (RODRIGUES, 2003).

Ainda que conscientes das diferentes aptidões específicas de cada um, a partir das razões expostas, entendemos que a Educação Física é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.

Ao falar sobre inclusão, nos reportamos ao pensamento de inserir algo em algum lugar. Porém, quando nos deparamos com uma pessoa com deficiência, diretamente, sugerimos sua inserção na sociedade. Com base neste olhar, para que a Educação Física realmente aconteça é imprescindível uma constante avaliação dos sucessos e fracassos que podem acontecer durante as práticas de inclusão propostas nas aulas da disciplina em questão. Quanto a isto, Figueiredo (2002, p. 68) esclarece que:

efetivar a inclusão é preciso [...] transformar a escola, começando por desconstruir práticas segregacionais [...] a inclusão significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais.

Dito isto, para que a diversidade humana se faça presente como ação universal da educação, as instituições educacionais precisam assumir um papel construtor e efetivador da igualdade propondo uma real inserção daqueles que estão sendo excluídos do processo social. Aqui, a inclusão é tratada como um novo paradigma educacional, daí a necessidade de pensarmos nos professores, com vistas nos aspectos da formação inicial e continuada, o que nos remete à necessidade de repensar a formação de professores nos diferentes níveis de ensino (educação básica a educação superior). E no contexto do IFB-PLA, o que a Educação Física tem a ver com isto?

A funcionalidade da Educação Física no IFB-PLA deveria ser de responsabilidade tanto dos professores, como de todos os outros segmentos escolares. Diante de tal perspectiva, seria necessário buscar posicionamentos eficazes, para confrontar o processo de ensino-aprendizagem, aplicando em todos os momentos o princípio da inclusão como eixo norteador de práticas pedagógicas inclusivas.

Compartilhando desse ponto de vista, onde a formação do professor de Educação Física, numa perspectiva da inclusão, é imprescindível para o sucesso do processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, de acordo com Nóvoa, o professor deve reconhecer que:

A forma como cada um de nós constrói a sua identidade profissional define modos distintos de ser professor, marcados pela definição de ideais educativos próprios, pela adaptação de métodos e práticas que colam melhor com a nossa maneira de ser, pela escolha de estilos pessoais de reflexão sobre a ação. É por isso que, em vez de identidade, prefiro falar de processo identitário, um processo único e complexo graças ao qual cada um de nós se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional. (NÓVOA, 1998, p. 28).

Mediante a proposta de atingir tais pressupostos, as instituições que promovem as formações dos atuais e futuros professores da Educação Física, deveriam criar novos meios para sensibilizar os atores envolvidos no processo, oferecendo uma fundamentação técnica-pedagógica que lhes possibilite intervir de modo mais eficaz, pautada na diversidade e na realidade social.

Nesta perspectiva, podemos destacar três abordagens teórico-metodológicas de ensino da Educação Física. Estas dialogam com o tema da inclusão, a saber: a construtivista-interacionista, a crítico-superadora e os jogos cooperativos. A abordagem construtivista-interacionista propõe o resgate das concepções dos alunos para a construção do conhecimento durante a resolução de problemas. Essa abordagem pode contribuir muito para a inclusão, já que considera as diferenças individuais dos alunos, valorizando sua bagagem cognitivo-cultural. Por outro lado, a abordagem crítico-superadora propõe uma transformação social que critica o ensino e a aprendizagem por etapas, “valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico”. Tal abordagem pode contribuir significativamente para a inclusão dos alunos com NEE’s, pois defende uma análise da relevância social dos conteúdos ensinados e “sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos”. (DARIDO, 2003, p. 8-9).

A abordagem dos jogos cooperativos propõe a cooperação no lugar da competição e “sugere o uso dos jogos cooperativos como uma força

transformadora, oferecendo como alternativa os jogos cooperativos, que são divertidos para todos e têm um sentimento de vitória, criando alto nível de aceitação mútua”. (DARIDO, 2003, p. 17). Essa visão para o desenvolvimento da inclusão dos alunos é fundamental, pois não há a exclusão dos alunos menos hábeis e valoriza o respeito mútuo e a cooperação entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. É preciso ressaltar que os jogos são elementos que favorecem a aprendizagem, mas não podem ser considerados os únicos recursos para esse processo e nem para a inclusão.

Então, surge a necessidade de estabelecermos alguns procedimentos que devem ser favorecidos nas aulas de Educação Física que contemplam a inclusão. De acordo com Soler, estes procedimentos podem ser discriminados da seguinte maneira:

1. Elaborar um projeto que contemple todas as diferenças;
2. Conhecer o grupo de crianças, notarem suas necessidades, e partir daí, planejar;
3. Elevar gradativamente o grau de dificuldade das atividades;
4. Sempre demonstrar o exercício ou atividade, para que a criança possa ter uma visão global da tarefa a cumprir;
5. Evitar explicações complicadas e extensas ao iniciar;
6. Elogiar o acerto, mas nunca enfatizar o erro;
7. Sempre, ao final da atividade, avaliá-la, e se preciso transformá-la;
8. Conversar com todos os interessados (pais e professores que trabalham com você), a respeito de sua conduta pedagógica;
9. Mantenha-se sempre atualizado, e, se possível, aprofunde-se no assunto, recorrendo à bibliografia existente; e
10. Registre sempre as aulas, com fotos, filmagens e anotações, pois é uma ótima forma de avaliar o progresso. (SOLER, 2005, p. 127).

Tais procedimentos são fundamentais para que as práticas inclusivas se tornem efetivas e saiam do discurso teórico que, muitas vezes, se distancia da realidade cotidiana da escola.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa teve como foco as contribuições dos professores para a inclusão dos alunos com NEE's nas aulas de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Campus Planaltina, que oferece cursos técnicos e profissionalizantes concomitante ao Ensino Médio Integrado.

A pesquisa, com **abordagem qualitativa**, foi realizada por meio de **pesquisa descritiva**, já que os sujeitos e fenômenos investigados possuem uma relação dialógica que necessitou de análise, interpretação e construção de significados que são contrários aos métodos quantitativos e exatos. Então, se recorreremos a Gil (2010, p. 28), podemos observar que este tipo de pesquisa

tem como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Estas pesquisas são as que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão o porquê das coisas. (GIL, 2010, p. 28).

Em relação à abordagem qualitativa, Creswell (2010, p. 206) afirma o seguinte:

a investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares da análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação.

Cabe explicar que tal trabalho teve como delineamento o **estudo de caso** que pode ser “encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”. (GIL, 2010, p. 37). Sendo assim, ao analisar a relação entre o fenômeno da inclusão nas aulas



de Educação Física, o estudo de caso pôde contribuir significativamente para uma análise mais significativa.

Além disso, para melhor compreender o fenômeno analisado e o contexto prático no qual estão inseridos, foi realizada uma **pesquisa bibliográfica**. Assim, “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. (GIL, 2010, p. 30).

Vale ressaltar a relevância do problema, que de forma concreta ultrapassa os olhos de nossa instituição, por se tratar de uma problemática da educação nacional, como facilmente pode ser constatado em nossos estudos educacionais e em estudos realizados que foram retratadas na literatura apresentada.

## **4.2. Definição e critérios de seleção da amostra**

### **4.2.1. Unidade de Análise**

O IFB-PLA localiza-se na zona rural da cidade de Planaltina-DF, é uma instituição educacional de grande porte em termos de estrutura física. Mas, fica aquém das expectativas quanto ao atendimento a comunidade, pois conta somente com 640 alunos e tem capacidade para atender a aproximadamente 1500 - nas modalidades de Ensino Médio Integrado, pós-médio, superior e de pós-graduação.

É importante ressaltar que 60 por cento de nossos alunos é oriundos de Zona Rural e de outro estado da federação, tais como: Goiás, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso. Com essa diversidade de regionalidade o *Campus* Planaltina, é desafiado a cada instante para o desenvolvimento de atividades diversas para a tentativa de contemplar tais especificidades e atendê-las de forma significativa.

No que tange aos recursos pedagógicos para o acompanhamento dos com necessidades educacionais especiais, contamos com o NAPNE - Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais, que necessariamente trabalha com esses alunos. Além disso, o referido núcleo dá suporte aos professores que contam com os materiais pertinentes ao atendimento individualizado dos alunos.

Em um aspecto geral, quando nos referimos aos agentes pedagógicos do instituto, temos uma precariedade, pois temos somente 1 pedagogo, 1 assistente social, 5 assistentes de alunos (todos licenciados), 2 técnicos em assuntos educacionais (licenciados) sem falar que no IFB-PLA 70% de seus professores são bacharéis, dificultando o entendimento dos processos educacionais.

Sobre o processo ensino-aprendizagem da escola, a proposta pedagógica da Educação Física é a mesma para todos os alunos, com discretas adaptações. A avaliação acontece de forma contínua e prioriza os aspectos qualitativos.

Destarte, um aspecto positiva para a aplicação pesquisa e que a torna mais convidativa é a possível verificação das contribuições que os professores trazem para que o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais seja consolidado, possibilitando uma eficácia no processo de inclusão no IFB-PLA.

#### **4.2.2. Definição e critérios de seleção da amostra**

Os sujeitos da pesquisa foram três (03) professores do IFB-PLA. Estes atuam na disciplina Educação Física, são licenciados na área.

Os critérios para a seleção dos professores foram:

- (a) Ser professor da disciplina Educação Física e estar atuando na regência.
- (b) Exercer o magistério há um (01) ano ou mais no IFB-PLA.

Vale ressaltar que o professor que atua no 1º Ano, também desenvolve atividades de treinamento desportivo. O professor que atua no 2º Ano, também coordena o NAPNE - Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais que oferecer atividades extensionistas de equoterapia. Já o professor que atua com o 3º Ano, coordena as atividades de extensão e desenvolve atividades de treinamento.

#### **4.3. Técnicas e procedimentos de coleta e análise dos dados**

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram: **questionário** e **observação**. Assim, com as ideias de Vieira (2009, p. 15), o questionário deve ser entendido como

um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados respondentes, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador que pode ser ou não o pesquisador principal.

Ainda, segundo o autor, os questionários estão sendo cada vez mais utilizados na área da Ciências Sociais, pois permitem um maior número de dados e variáveis que, ao serem analisados e relacionados, contribuem significativamente para uma pesquisa de qualidade. Por meio do questionário aplicado com os professores de Educação Física, identificamos as percepções deles sobre a inclusão escolar, bem como investigamos suas propostas metodológicas relacionando-as ou ao processo de inclusão.

Aos considerarmos os aportes teórico-metodológicos desta pesquisa, destacamos a necessidade de uma coleta de dados que também contemplasse a observação participante, com elaboração de notas de campo, pois as lacunas deixadas pelo questionário podem ser mais facilmente entendidas com a observação. Vale ressaltar que o pesquisador faz parte do grupo pesquisado, ou melhor, ele trabalha no IFB – PLA como coordenador adjunto e está em contato direto com o grupo pesquisado. Para a observação participante, esse é um fator positivo, pois ela “consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo em que é realizada a pesquisa” (GIL, 2010, p. 121).

Os documentos analisados enfocam o aprofundamento das intervenções das práticas esportivas e inclusivas na escola. A aplicação de tal procedimento é necessária para que possamos conhecer os princípios e diretrizes que norteiam a prática pedagógica do professor - também os procedimentos metodológicos, os conteúdos e as formas de avaliação -, para que possamos analisá-la. Para tanto, foram analisados o PPI – Projeto Político Institucional do IFB, o Plano de Curso do Técnico Integrado em Agropecuária e os Planos de Disciplina da Educação Física dos 1º, 2º e 3º anos.

A pesquisa foi realizada em três etapas. Na primeira, foi feita a coleta de dados, por meio do questionário e das observações junto aos professores de Educação Física. Na segunda, organizamos os dados, comparando-os entre os três professores pesquisados. E na terceira, identificamos os suportes teórico-

metodológicos que orientam as práticas inclusivas no IFB-PLA, analisando-os e comparando-os com os dados obtidos na primeira etapa.

O questionário misto foi composto de questões objetivas e subjetivas, perguntas abertas e fechadas. Para Vieira, “a grande vantagem dos questionários com questões fechadas é, sem dúvida, a facilidade de análise”. Por outro lado,

os pesquisadores da área qualitativa preferem as questões abertas. Eles enfatizam a relatividade cultural do sentido das palavras - isto é, as palavras do respondente devem ser entendidas com o significado que o respondente dá a elas. (VIEIRA, 2009, pp. 52-53).

Convém ressaltar que escolhemos o misto para que pudéssemos nos beneficiar das vantagens desses dois tipos de questionário.

Por meio do questionário aplicado, levantamos dados sobre as características do processo de inclusão em relação à proposta e aos métodos utilizados pelos professores, posteriormente relacionando-as a Educação Física e verificando possíveis transformações na prática pedagógica dos mesmos.

O questionário contempla os eixos temáticos seguintes:

- ✚ Formação acadêmica e atuação no magistério.
- ✚ Inclusão e escola.
- ✚ Prática pedagógica do professor.

Para coletar os dados, conversamos com os representantes da Instituição e mostramos o objetivo central da pesquisa, tendo em vista conhecer a instituição no que concerne à localização, ao espaço físico e à estrutura geral e esportiva; também, procuramos conhecer os recursos humanos que necessariamente promovam uma educação inclusiva e atendam os alunos com necessidades educacionais especiais, mais especificamente, para o trabalho na disciplina Educação Física. Por fim, buscamos conhecer o perfil do professor e a estrutura pedagógica da voltada ao desenvolvimento das aulas de Educação Física.

Vale ressaltar que o contato com os sujeitos da pesquisa foi feito pessoalmente e individualmente, seguindo o seguinte roteiro:

- ✚ Exposição dos objetivos dos trabalhos;
- ✚ Solicitação da colaboração em responder ao questionário;
- ✚ Entrega do questionário para os colaboradores;

- ✚ Devolução do questionário previamente respondido; e
- ✚ Agradecimento pela colaboração.

Observamos algumas aulas práticas e teóricas de Educação Física, concomitante a uma análise documental dos planos de curso das turmas envolvidas na pesquisa, com a finalidade de compreendermos a metodologia utilizada e verificarmos se a inclusão se faz presente nas aulas. Para atingir os objetivos citados anteriormente, descrevemos as características das concepções dos professores em relação à inclusão escolar e relacionando-as as aulas de Educação Física. Para isto, utilizamos uma observação sistemática das atitudes e falas dos professores durante as aulas.

De maneira geral, é imprescindível relatarmos o fato de termos sido bem recebidos pelos representantes da instituição e pelos sujeitos da pesquisa que colaboraram significativamente com o levantamento dos dados.

Na investigação, os dados obtidos por meio de uma das questões do questionário foram tratados e analisados tendo como suporte a estatística descritiva por meio do Programa Computacional Microsoft Excel e Word, versão 2007. Estes foram apresentados numa tabela e gráfico para melhor compreensão de tais dados. Para as demais questões, utilizamos uma análise comparativa, ora entre as respostas dos três professores pesquisados, ora entre os dados de diferentes questões, ora entre o que foi discutido na revisão bibliográfica e as respostas dos professores.

Os dados obtidos por meio da observação foram comparados com os obtidos no questionário e tiveram um papel fundamental em preencher as lacunas deixadas pelo questionário.

Vale ressaltar que os resultados obtidos com a aplicação do questionário e análise documental foram analisados a luz da literatura apresentada.

#### **4.4. Cuidados éticos da pesquisa**

Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o diretor de ensino, pesquisa e extensão do IFB-PLA concordou com o desenvolvimento da pesquisa, e os professores de Educação Física, em participar da mesma.

Faz-se imprescindível destacar que a identidade dos sujeitos e os dados obtidos foram mantidos em sigilo, respeitando as normas éticas voltadas para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Além disso, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, tendo sido aprovado pela autorização número 081/2012, do respectivo Comitê. E, por último, vale destacar que o pesquisador atua diretamente com os sujeitos da pesquisa, pois trabalha como coordenador adjunto do IFB-PLA.

## 5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise é apresentada conforme os eixos temáticos seguintes: (1) Formação acadêmica e atuação no magistério; (2) Inclusão e escola; e (3) Prática pedagógica do professor. No eixo temático formação acadêmica e atuação no magistério, procuramos levantar informações referentes à formação acadêmica e a atuação docente. No segundo eixo temático, averiguar as expectativas dos professores em relação ao processo de inclusão na escola. E, no terceiro eixo temático, investigamos a prática pedagógica do professor. Os sujeitos pesquisados foram identificados como Professor A, Professor B e Professor C.

Por meio dos resultados obtidos, que enfocam o eixo temático **formação acadêmica e atuação no magistério**, pudemos verificar se a formação acadêmica do professor forneceu subsídios suficientes para que o mesmo pudesse compreender a inclusão e atuar no sentido de promovê-la. Assim, vimos que todos os professores possuem licenciatura plena em Educação Física e atuam a mais de 5 anos na área. Estes lecionam no Instituto Federal de Brasília - *Campus Planaltina* a menos de 5 anos.

Além disto, os professores afirmam possuir conhecimentos suficientes para incluir um aluno com NEE's nas aulas de Educação Física. Apesar de não se considerarem totalmente preparados para o trabalho com a inclusão, e não receber capacitação do IFB-PLA para identificar alunos com NEE's.

Ao analisar o PPI (2009-2013), verificamos que um dos objetivos da política de ensino do IFB é desenvolver a formação continuada de seus professores,

inclusive, existe um Plano de Formação Institucional. Com isso, percebemos que o que está sendo estabelecido no documento base do instituto não está sendo colocado efetivamente em prática.

O fato de os professores possuírem os conhecimentos, mas não se sentirem preparados para promover a inclusão, pode ser explicado por Soler (2005) ao destacar que durante muitos anos criou-se a ideia de que é muito difícil lidar com as pessoas com NEE's, como se elas fossem muito diferentes, ou até mesmo anormais. Nesse sentido, conforme o autor, a partir dos resultados apresentados, podemos sugerir que ter conhecimento não é suficiente para que a inclusão seja uma realidade no contexto do IFB nas aulas de Educação Física.

Sobre a questão: “durante o período de formação acadêmica lhe foi proporcionado aprender a adequar os métodos de ensino e a fazer adaptações curriculares de acordo com as necessidades individuais educacionais de cada aluno?” Os professores disseram que, durante o período de formação acadêmica, não aprenderam, ou aprenderam apenas de forma superficial, a adequar os métodos de ensino e a fazer adaptações curriculares de acordo com as NEE's de cada aluno.

Quanto à questão: “você se sente confortável com seus conhecimentos acadêmicos para selecionar recursos educativos a fim de proporcionar um melhor aprendizado a alunos com necessidades especiais?”, eles afirmam que se sentem confortáveis com seus conhecimentos acadêmicos para selecionar recursos educativos, a fim de proporcionar um melhor aprendizado a alunos com NEE's.

Num primeiro olhar, essas ideias parecem contraditórias e sugerem a percepção de que os professores pesquisados possam estar equivocados no que se refere ao significado de inclusão. Entretanto, precisamos lembrar de que a inclusão é um termo ao qual se atribui diferentes sentidos e significados que são particulares e dependentes de contextos e objetivos específicos. Portanto, a formação acadêmica e as capacitações posteriores não são e não podem ser suficientes para que a mesma aconteça de forma reta e em sua totalidade. Esta formação deve ocorrer dentro do espaço escolar, durante a prática pedagógica do professor, sem desprezar a teoria, mas sendo construída consoante à realidade e as necessidades apresentadas pelos alunos, com ajustes contínuos e coerentes a cada contexto (NÓVOA, 1998).

Diante disto, o professor precisa estar ciente de que sua formação para a inclusão não é algo pronto e acabado, ou seja, essa formação ainda não existe. Ela deve acontecer de forma contínua e conjunta entre todos os atores sociais envolvidos no processo em uma constante troca de experiências. As dúvidas, os anseios e as conquistas devem fazer parte da pauta dos encontros pedagógicos contínuos que visem à melhoria do processo de inclusão e a participação de todos: professores, coordenadores e dirigentes.

No segundo eixo temático **inclusão e escola**, o Professor A e o Professor C demonstraram não saber quem são os alunos NEE's. Mas, são a favor da inclusão dos alunos em xequê nas classes regulares. Por outro lado, o Professor A, o Professor B e o Professor C, não consideram a instituição escolar na qual trabalham um lugar de promoção da inclusão. E afirmam que isto não corre em razão de: (i). deficiência na formação e capacitação dos profissionais que atuam no IFB; e, (ii). infraestrutura inadequada e o não comprometimento da equipe gestora.

De fato, conceituar os alunos com NEE's não é tarefa fácil, pois a própria legislação caminhou lentamente nesse processo e recentemente tem-se um conceito desses alunos. Para melhor esclarecermos tal questão, relembramos as ideias de Dutra, Freitas, Vieira, Quadros e Mantoan (2008) que definem as pessoas com NEE's como sendo as que geralmente demonstram limitações impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais que dificultam sua interação na sociedade e, mais especificamente, na escola.

Vale ressaltar ainda que, ao analisar o Projeto Político Institucional - PPI, verificamos que o IFB reconhece que as políticas voltadas à inclusão social ainda são um ponto fraco da instituição e não trazem um conceito para a inclusão ou para os alunos com NEE's.

Ao verificar e comparar a questão “em sua opinião, os professores de Educação Física estão preparados para receber alunos de inclusão?” com a questão “você possui conhecimentos suficientes para incluir um aluno com NEE's nas aulas de Educação Física?”, percebemos que, apesar de todos declararem possuir conhecimentos suficientes para incluir um aluno com NEE's, o Professor B e o Professor C ressaltam que não estão preparados para receber estes alunos,



pois o *campus* precisaria de mais investimento em formação continuada e em infraestrutura.

Além disto, segundo o Professor B, seria necessária a quebra de barreiras atitudinais, que são obstáculos levantados pelo preconceito e pela dificuldade em aceitar o diferente. Tais obstáculos são analisados e discutidos por Kohatsu (2003), Karagiannis (1999) e Manzine (1999) reforçando as opiniões defendidas pelos professores. Analisando o PPI do instituto, verificamos que as políticas de ensino também têm como objetivo a adequação dos espaços e tempos escolares às necessidades dos educandos, atendendo suas NEE's.

Ao serem questionados acerca de “Como você percebe o papel do professor no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais?”, os professores ressaltaram que seu papel é algo fundamental, sendo que o Professor A e o Professor C se consideram como mediadores desse processo de inclusão.

O termo mediador ligado à figura do professor se originou com os estudos de Vigotski (1994). Com base na perspectiva histórico-cultural para os aspectos da psicologia do desenvolvimento atípico, o autor nos faz compreender que o aluno com NEE's desenvolve, para seu tipo de deficiência, uma compensação que deve ser estimulada por meio da mediação que o professor realiza entre o aluno e o meio. Sendo assim, a escola pode desenvolver, de maneira criativa, um currículo e uma pedagogia que provoquem essa mediação entre o social e o aluno para que o aluno com NEE's consiga desenvolver uma compensação e se integre efetivamente com as outras crianças, de maneira coletiva e colaborativa.

O fato dos professores se reconhecerem como um mediador é algo muito significativo no sentido de favorecer a inclusão dos alunos com NEE's. Além disso, a participação destes alunos em aulas de Educação Física é vista por todos os professores como um auxílio na inclusão dos mesmos na comunidade escolar, como observamos nas respostas da questão “*em sua opinião, a participação dos alunos com NEE's em aulas de Educação Física auxilia a inclusão do aluno na comunidade escolar?*”. Isso sugere que as aulas de Educação Física podem ser pontes para a inclusão dos alunos nas demais disciplinas e em todo o complexo que envolve a escola.

Nesse sentido, de acordo com Soler (2005), o professor precisa diagnosticar, durante sua prática pedagógica, as necessidades e as capacidades de cada aluno para que ele possa orientá-los no sentido de fomentar sua autonomia. Ainda, segundo esse autor, as aulas do professor devem ser planejadas a partir desse diagnóstico inicial para descobrir as capacidades e necessidades de seus alunos.

A partir das respostas do Professor B e do Professor C, no que se refere à questão “é comum atitudes de preconceito e discriminação para com os alunos com NEE’s no IFB-PLA?”, percebemos que, às vezes, os alunos com NEE’s são vítimas de atitudes de preconceito e discriminação no IFB-PLA. Já o professor A, afirma não existe esse tipo de atitude no instituto.

Essas atitudes de preconceito podem estar diretamente ligadas aos padrões ideologicamente estabelecidos para definir o que é melhor e o que é pior em nossa sociedade, abordado por Oliveira (2003). Por outro lado, Aranha (2000) reforça que a ideia de inclusão está ligada ao princípio da igualdade, em uma sociedade sem preconceitos.

No eixo temático, centrado na **prática pedagógica do professor**, pudemos verificar na questão “qual abordagem teórico-metodológica de ensino da Educação Física norteia a sua prática pedagógica?”, que apenas o Professor B utiliza uma única abordagem metodológica de ensino-aprendizagem da Educação Física, a construtivista-interacionista, para nortear a sua intervenção pedagógica. O Professor A utiliza a abordagem sistêmica e crítico-emancipatória em uma relação de completude.

Enquanto o Professor C faz uso de abordagens variadas, segundo a necessidade e o conteúdo a que pretende aplicar, ele destaca as abordagens, a saber: cultural, psicomotricidade, jogos cooperativos, crítico-superadora e crítico-emancipatória.

A razão de os professores admitirem o uso de diferentes abordagens metodológicas em sua prática pode suscitar uma preocupação em favorecer a diversidade, a individualidade e as necessidades de seus alunos; além de trabalhar de modo diversificado. Isso também é defendido por Mendes (2003) e Stainback & Stainback (1999), ao afirmar que a inclusão não pode ser vista como uma ruptura com os antigos modelos, ao contrário, ela deve ser fortalecida pela

heterogeneidade metodológica que constrói nossa história e, como afirma Ramos (2010), pela diferença que promove o desenvolvimento.

É interessante ressaltar que, ao analisar o PPI do instituto, verificamos que o mesmo não destaca uma tendência pedagógica que norteie a prática pedagógica dos professores. Um documento norteador é fundamental para que os professores possam planejar suas aulas atendendo as NEE's de seus alunos a partir de uma base teórico-metodológica sólida que os oriente nas dificuldades.

Os dados da questão “enumere as lacunas de acordo com o grau de prioridade que você estabelece para cada atividade nas aulas práticas”: podem ser mais bem analisados por meio da descrição das atividades na figura 1 e do quadro 1. Nessa questão, procuramos evidenciar o grau de prioridade que o professor estabelece para as atividades que utiliza em suas aulas práticas. Com esta questão pudemos notar que os Jogos Cooperativos são os conteúdos mais presentes nas aulas práticas dos três professores pesquisados, é importante ressaltar que é o único conteúdo na ordem de prioridade que é comum aos três professores concomitantemente.

Nesta perspectiva, a Resoluções de Problemas, também é levada em consideração pelos três professores, possibilitando aos alunos que promova uma criticidade no que se refere ao fazer pedagógico nas aulas práticas de Educação Física. Juntamente a isto, as Relações Interpessoais são trabalhadas com o propósito de correlacionar as atividades práticas com o desenvolvimento das relações entre os praticantes. Posteriormente a estas constatações priorizam os Esportes Coletivos e Individuais nas aulas práticas de Educação Física, e por último eles trabalham a Competitividade, com o propósito de proporcionar aos alunos as vertentes da competitividade.

Pelos resultados apresentados, percebemos que as relações interpessoais e a resolução de problemas são as atividades mais priorizadas, entre os professores respondentes. Importa destacar que essas atividades juntamente com os jogos cooperativos valorizam a cooperação entre os alunos e a troca de experiências, ou melhor, a interação entre os mesmos. Segundo Soler (2005), desenvolver a cooperação deve ser entendido como algo imprescindível para a consolidação da inclusão. O sentimento que surge na atividade grupal torna mais fácil o alcance dos objetivos propostos. Assim, as diferenças devem ser

entendidas como as especificidades de cada ser humano em suas individualidades, criando uma comum-unidade, pois cada um se vê em sua grandiosidade, cooperando para buscar a autenticidade. Vale ressaltar que nessas atividades grupais, segundo Patto, Mieto e Silva (2010), não se deve separar os grupos pensando na homogeneidade, pois ela é ilusória, rotula os alunos e torna-se um obstáculo ao processo de inclusão.

Ao comparar os resultados em destaque com as abordagens teórico metodologias de ensino-aprendizagem da Educação Física defendidos por Darido (2003) e citados pelos professores, constatamos que as atividades priorizadas estão em consonância com as abordagens utilizadas. Essas atividades podem favorecer significativamente a inclusão de alunos com NEE's.

O Professor A, o Professor B e o Professor C ministram aulas teóricas e práticas, conforme os resultados da questão “como os conteúdos são trabalhos com os alunos?”, sendo que ao planejar suas atividades, como podemos observar nas respostas da questão “ao planejar suas aulas de Educação Física, você leva em consideração os alunos com NEE's?”, às vezes, eles levam em consideração os alunos com NEE's. E apenas o Professor A sempre leva em consideração tais alunos.

Os dados da questão “como os alunos com NEE's são tratados pelos demais alunos nas aulas de Educação Física?” apontam para o fato de que a presença de alunos com NEE's nas aulas de Educação Física podem acarretar oportunidades de crescimento pessoal a todos os envolvidos no processo, conforme as respostas dos sujeitos pesquisados.

Na aula do Professor C o conteúdo predominante é o esporte. Na aula do Professor A são os jogos. E na aula do Professor B são as brincadeiras. O Professor A e o Professor C afirmam contemplar as NEE's no planejamento anual.

Vale ressaltar que os resultados da questão “enquanto professor de alunos com NEE's, quais os sentimentos que apresenta diante esses alunos. De acordo com a intensidade, enumere-os de 0 a 12?” não puderam ser considerados e analisados, pois, de acordo com as respostas, os professores demonstraram não compreender o que foi solicitado na questão.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciarmos as considerações finais, faz-se imprescindível relembrarmos o problema de nossa pesquisa e os objetivos os quais nos propomos. Perguntávamo-nos “como o professor pode contribuir para a inclusão dos alunos com NEE`s nas aulas de Educação Física do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária do IFB - *Campus Planaltina*” e propomo-nos a identificar e analisar as contribuições do professor, na perspectiva da diversidade.

Não vemos este trabalho monográfico como uma resposta pronta e acabada para o nosso problema de pesquisa, mas o sugerimos, por meio das análises, reflexões e discussões realizadas, como o primeiro passo para que a prática em sala de aula se renove e para promover o sucesso do processo pedagógico inclusivo para os envolvidos na prática de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física para os alunos e para os professores. Além disso, este trabalho reúne reflexões que foram desenvolvidas durante o curso com a colaboração de colegas e professores.

Assim sendo, vemos agora uma proposta possível e real de trabalho, apesar das muitas reflexões e mudanças de postura que os professores pesquisados precisam estar dispostos a fazer. Ainda há muito que se estudar, melhorar e modificar sobre a prática pedagógica, o que só vai acrescentar ainda mais à realidade do IFB-PLA.

Os docentes de Educação Física do IFB-PLA utilizam varias metodologias para desenvolver sua prática pedagógica. Os métodos apontados têm o objetivo de levar os alunos a querer aprender de forma significativa. Além disso, a utilização de vários métodos leva-nos a inferir que os professores pesquisados não acreditam no sucesso de uma única metodologia ou na completude da mesma. Com isso, o aluno sente-se livre e predisposto para continuar sua própria aprendizagem com segurança, liberdade e responsabilidade levando-o a crescer pessoal e socialmente e fazendo agente do próprio desenvolvimento.

Com a realização desta pesquisa, pudemos comprovar a urgência na necessidade do conhecimento sobre a inclusão, pois por meio dela os professores de Educação Física do IFB-PLA poderão proporcionar uma melhor

inserção/inclusão dos alunos com NEE's, e m uma perspectiva de satisfação com relação ao processo de ensino-aprendizagem, com vista à diversidade humana.

Vale ressaltar que apareceram dúvidas sobre o real significado de inclusão, e de forma generalizada percebe-se um despreparo e o receio que os professores de Educação Física do IFB-PLA encontram no momento de planejar aulas para o atendimento aos alunos em xeque. Os professores demonstraram, por meio das respostas, que precisam de mais formação continuada, pois não receberam formação inicial eficaz para o desenvolvimento de habilidades e competências com alunos que possuem NEE`s.

Assim, apontamos a necessidade de o IFB-PLA proporcionar aos professores de Educação Física a ampliação e a reformulação de seus conhecimentos no que diz respeito à inclusão e à aceitação da diversidade humana. Além disto, possibilitar conhecimentos sobre etiologia, prognóstico das NEE`s, conceituação, formação continuada, bem como técnicas de ensino que favoreça a aplicação de novas metodologias que facilitem o processo de inclusão e atendam em suas especificidades os alunos em xeque.

Uma das preocupações primordiais foi considerar as perspectivas e as contribuições da população envolvida e desenvolvedora da inclusão de alunos com NEE's nas aulas de Educação Física, que são os professores, agentes educacionais responsáveis diretamente pela formação dos alunos.

Destarte, não podemos esperar por receitas prontas para o atendimento das NEE`s, as quais a realidade é capaz de produzir e reproduzir. Desta maneira, é imprescindível que as instituições educacionais, ao receber seus alunos, orientem-se e informem-se, por meio de profissionais da saúde e da educação sobre as especificidades, os instrumentos e os métodos mais adequados para que os alunos com NEE's sejam atendidos em ambientes não hostis, sem discriminações, possibilitando um aprendizado homogêneo atendendo suas especificidades.

As atitudes dos professores de Educação Física quanto à inclusão de alunos com NEE's é positiva. Essa positividade independe do sexo e do tempo em que exerce atividades docentes na área da Educação Física. É importante salientar que existe um pessimismo em relação à formação e à atualização pedagógica para trabalharem com essas especificidades. Nota-se que o professor

mais novo de atuação em escolas apresenta um otimismo maior que os demais. Outra preocupação dos professores pesquisados é quanto aos materiais específicos e apropriados para o trabalho multidisciplinar desses alunos.

Se bem planejada e aplicada seguindo os preceitos estabelecidos pela legislação, a inclusão pode ser compreendida como um processo que traz inúmeros benefícios para uma educação de qualidade que preza pela totalidade, pois a educação pode ser pensada e planejada para formar as pessoas para a convivência em comunidade, respeitando todas as diferenças. Durante a análise documental, ao verificarmos o PPI, os Planos de Curso e os Planos da Disciplina de Educação Física, percebemos que os enfoques pedagógicos do PPI, que deveriam ser os norteadores da prática dos professores em relação à inclusão, são tratados de forma generalizada, sem fornecer subsídios suficientes para a prática cotidiana de sala de aula. Vale ressaltar que os Planos de Curso e os Planos da Disciplina não possuem evidências de que os professores utilizam o PPI como um documento norteador.

Assim, não podemos negar os ganhos que advêm de uma inclusão com qualidade nas aulas de Educação Física. Apenas levantamos alguns questionamentos de como este processo vem ocorrendo nestas aulas no Instituto Federal de Brasília - Campus Planaltina. Apontamos a existência de um quadro de despreparo, não somente no que se refere ao conhecimento sistematizado, como também no que está transcrito nos documentos que norteiam a prática pedagógica do IFB-PLA, seus currículos, sua estrutura física, e mais especificamente os materiais disponíveis para trabalhar com a diversidade.

Por fim, sugerimos o desenvolvimento de estudos contínuos, longitudinais e conceituais para verificar como a questão da educação inclusiva vem acontecendo nas aulas de Educação Física dentro das atividades didático-pedagógicas do IFB-PLA. Com mais formação e informação sobre a inclusão e suas especificidades para toda a comunidade escolar, em especial os professores e alunos, a inclusão pode ser mais facilmente desenvolvida no instituto. Dentre eles, citamos a formação de cidadãos aptos a conviver com as diferenças entre e com os indivíduos.

Ao analisar o objetivo geral do trabalho, que procura identificar as contribuições dos professores para a inclusão dos alunos com NEE's nas aulas

de Educação Física no IFB-PLA na perspectiva da diversidade, verificamos que as ações dos professores eram desenvolvidas de modo precário e com dificuldade, na maioria das vezes. Essas dificuldades podem ser justificadas, pela sua fraca formação acadêmica no que diz respeito ao processo de inclusão.

Quanto aos objetivos específicos, nos quais pretendíamos relacionar a proposta metodológica dos professores de Educação Física com a proposta curricular do IFB-PLA identificando a abordagem teórica do ensino, concluímos que tais documentos não são significativos, tendo em vista que não levam em consideração os documentos que norteiam a prática pedagógica da instituição, pois ainda não são documentos consolidados, que trazem uma tendência pedagógica a seguir. Sendo assim, os gestores desta instituição precisam consolidar uma tendência pedagógica, para que seus professores possam ter um norte ao planejar suas atividades didático-pedagógicas.

Por outro lado, ao analisar o alcance do objetivo específico de identificar a percepção dos professores sobre a inclusão escolar e suas limitações no contexto das aulas de Educação Física, constatamos que os professores pesquisados tem uma grande dificuldade em perceber a inclusão como fator imprescindível na formação social de nossos alunos, porém não foi diagnosticado haver dificuldade de incluir os alunos com NEE's. É preciso retificar que estas dificuldades não estão intrinsecamente ligadas às práticas pedagógicas. Acreditamos que tais dificuldades estão intimamente ligadas ao modelo de políticas educacionais que estão sendo conduzidas no IFB-PLA, pelo que já foi exposto anteriormente sobre os enfoques pedagógicos norteadores da inclusão nos documentos analisados.

Destarte, concluímos esse trabalho com a certeza de que ainda há muito que aprender e que o primeiro passo para uma educação de qualidade e inclusiva na prática dos professores do IFB-PLA já foi dado. Sabemos que o estudo apresentado é pequeno frente aos variados e complexos problemas e caminhos pelas quais passa a educação, em especial a educação inclusiva, mas com ela está a esperança de que a escola se torne um ambiente de desenvolvimento do pensamento muito mais diverso e inclusivo.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. G. “Desafios do coordenador pedagógico no processo de inclusão de alunos com deficiência no ensino regular”. In: ALMEIDA, L. R. & PLACCO, V. M. N. S. (orgs). **O Coordenador pedagógico e o atendimento à diversidade**. São Paulo - SP: Edições Loyola, 2010.

ARANHA, M. S. F. “*Inclusão social e municipalização*”. In: MANZINI, E. J. (org.). **Educação Especial: temas atuais**. Marília-SP: UNESP, 2000.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuições para uma Psicanálise do Conhecimento**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto, 1996.

BRASIL/MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília-DF, 1989.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. Porto Alegre-RS: Artmed, 2010.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan S. A., 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. “Necessidades educativas especiais – NEE”. In: **Conferência Mundial sobre NEE: acesso em qualidade - UNESCO**. Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.

DUTRA, C. “Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: enfoque”. In: **Inclusão - Revista da Educação Especial**, Brasília-DF, v. 4, n. 01, p. 18-32, 2008.

FIGUEIREDO, R. V. “Políticas de Inclusão: Escola-Gestão da Aprendizagem na Diversidade”. In: ROSA, E. G. & SOUZA, V. C. (Orgs.). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro - RJ: DP&A Editora, 2002.

FREITAS, S. N. “Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Enfoque”. In: **Inclusão - Revista da Educação Especial**, Brasília-DF, v. 4, n. 01, p. 18-32, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo-SP: Atlas, 2010.

IFB. **Projeto Político Institucional (2009-2013)**. Brasília-DF. 2009. Disponível em: [www.ifb.edu.br/ppi/wp-content/uploads/.../PPI\\_Versao\\_CGPPI.doc](http://www.ifb.edu.br/ppi/wp-content/uploads/.../PPI_Versao_CGPPI.doc). Acesso em 03 de junho de 2012.

KARAGIANIS, A. STAINBACK, S. & STAINBACK, W. *Fundamentos do Ensino Inclusivo e Visão Geral Histórica da Inclusão*. In: STAINBACK, S. & STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre – RS: Artes Médicas, 1999.

KOHATSU, L. N. "O Preconceito na escola especial". In: MARKEZINE, M. C. ALMEIDA, M. A. & TANAKA, E. D. O. (orgs). **Educação especial: políticas públicas e concepções sobre deficiência**. Londrina - PR: Eduel, 2003.

MANTOAN, M. T. "Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Enfoque". In: **Inclusão - Revista da Educação Especial**, Brasília-DF, v. 4, n. 01, p. 18-32, 2008.

MANZINE, E. J. **Integração do aluno com deficiência: perspectiva e prática pedagógica**. Marília – SP: UNESP Publicações, 1999.

MENDES, E. G. "Concepções atuais sobre educação inclusiva e suas implicações políticas e pedagógicas". In: MARQUEZINE, M. C., ALMEIDA, M. A. & TANAKA, E. D. O. (orgs.). **Educação Especial: Políticas Públicas e Concepções Sobre Deficiência**. Londrina-PR: Eduel, 2003.

MORI, N. N. R. "Alunos especiais inseridos em classes regulares". In: MARQUEZINE, M. C., ALMEIDA, M. A. e TANAKA, E. D. O. (Orgs.). **Educação Especial: Políticas Públicas e Concepções Sobre Deficiência**. Londrina-PR: Eduel, 2003.

NÓVOA, A. *Relação Escola - Sociedade: "Novas respostas para um velho problema"*. In: SERBINO, R. V, et al. (orgs.). **Formação de Professores**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 13-34.

OLIVEIRA, A. A. S. "Educação inclusiva concepções teóricas e relato de experiência". In: MARQUEZINE, M. C., ALMEIDA, M. A. e TANAKA, E. D. O. (Orgs.). **Educação Especial: Políticas Públicas e Concepções Sobre Deficiência**. Londrina-PR: Eduel, 2003.

QUADROS, R. "Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Enfoque". In: **Inclusão - Revista da Educação Especial**, Brasília-DF, v. 4, n. 01, p. 18-32, 2008.

RAMOS, M. E. C. A. "Violência como padrão de comunicação familiar". In: MARRA, M. M.; COSTA, L. F. (orgs). **Temas da Clínica do Adolescente e da Família**. São Paulo: Ágora, 2010, p. 149-163.

SILVA, D. N. H.; RIBEIRO, J. C. C.; MIETO, G. O. *O Aluno Com Deficiência Intelectual na Sala de Aula: Concepções na Perspectiva Histórico-Cultural*. In: MACIEL, D. A; BARBATO, S. (coord.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Ed. UNB, 2010, p. 11-52, 280p.

RODRIGUES, D. **A Educação Física Perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas**. Rev. da Educação Física/ UEM Maringá, v. 14, nº 1, p. 67-73, 2003.

STAINBACK, S.; SATAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1999.

VIEIRA, R. *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Enfoque*". In: **Inclusão - Revista da Educação Especial**, Brasília-DF, v. 4, n. 01, p. 18-32, 2008.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

## APÊNDICES




**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA  
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA A DISTÂNCIA**

**QUESTIONÁRIO DA PESQUISA:  
Professores de Educação Física e a Inclusão**

**Nome do Entrevistado:** \_\_\_\_\_

**Professor-Pesquisado A**

**Pedimos a gentileza de observar as seguintes orientações:**

-  Responda as questões individualmente.
-  Por favor, não busque informações adicionais durante a realização da entrevista.
-  Todas as informações prestadas aqui serão utilizadas somente para os fins da pesquisa. Apenas o entrevistador terá acesso às informações.

**1. FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO**

**1.1. Qual a sua formação:**

- a. ( ) Licenciatura Plena em Educação Física.
- b. ( ) Licenciatura em Educação Física.
- c. ( ) Bacharelado em Educação Física.
- d. ( ) Outra licenciatura.

**1.2. Há quanto tempo atua na área de Educação Física?**

- a. ( ) Menos de 1 ano.
- b. ( ) entre 1 e 5 anos.
- c. ( ) entre 5 e 10 anos.
- d. ( ) mais de 10 anos.

**1.3. Há quanto tempo leciona no IFB - Campus Planaltina (DF)?**

- a. ( ) Menos de 1 ano.
- b. ( ) Mais de 1 ano a 5 anos.
- c. ( ) Mais de 5 anos a 10 anos.
- d. ( ) Mais de 10 anos a 15 anos.
- e. ( ) Mais de 15 anos.

**1.4. Durante o período de formação acadêmica lhe foi proporcionado aprender a adequar os métodos de ensino e a fazer adaptações curriculares de acordo com as necessidades individuais educacionais de cada aluno?**

- a. ( ) Sim, de forma satisfatória.
- b. ( ) Sim, de forma superficial.
- c. ( ) Não, de forma nenhuma.

**1.5. Você se sente confortável com seus conhecimentos acadêmicos para selecionar recursos educativos a fim de proporcionar um melhor aprendizado a alunos com necessidades educacionais?**

- a. ( ) Sim, muito a vontade.
- b. ( ) Sim, pouco a vontade.
- c. ( ) Não.

**1.6. Sua atualização e/ou formação continuada é apoiada pelo IFB-PLA?**

- a. ( ) Sim, de maneira significativa.
- b. ( ) Sim, mas poderia ser melhor.
- c. ( ) Não.

**1.7. Você possui conhecimentos suficientes para incluir um aluno com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física?**

- a. ( ) Sim.
- b. ( ) Não.

**1.8. O IFB-PLA lhe propiciou alguma capacitação com vistas à identificação de alunos com necessidades educacionais especiais?**

- a. ( ) Sim.
- b. ( ) Não.

**1.9. Você possui conhecimentos na área de Educação Física especial que vise o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais?**

- a. ( ) Sim.
- b. ( ) Em parte.
- c. ( ) Precisa melhorar.
- d. ( ) Não.

## **2. EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO**

**2.1. Para você, quem são os alunos com necessidades educacionais especiais?**

---

---

---

---

**2.2. Você é contra ou a favor da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares?**

a.  Contra.

b.  A favor.

**2.3. Você considera o Instituto em que trabalha inclusivo?**

a.  Sim.

b.  Não.

**2.3.1. Se NÃO, como você acha que o IFB - *Campus* Planaltina poderia se tornar inclusivo?**

---

---

---

---

---

**2.4. Em sua opinião, os professores de Educação Física estão preparados para receber alunos de inclusão?**

a.  Sim.

b.  Não.

**2.4.1. Se NÃO, como o IFB - *Campus* Planaltina poderia se tornar inclusivo?**

---

---

---

---

---





**3.3. Qual o conteúdo predominante nas aulas de Educação Física ministradas por você?**

- a. ( ) Ginástica. e. ( ) Jogos.  
b. ( ) Dança. f. ( ) Brincadeiras.  
c. ( ) Lutas. g. ( ) Capoeira.  
d. ( ) Esporte.

**3.4. Como os conteúdos são trabalhados com os alunos?**

- a. ( ) Por meio de aulas teóricas.  
b. ( ) Por meio de aulas práticas.  
c. ( ) Por meio de aulas teóricas e práticas.

**3.5. Ao planejar suas aulas de Educação Física, você leva em consideração os alunos com necessidades especiais educacionais?**

- a. ( ) Sim. b. ( ) As vezes. c. ( ) Não.

**3.6. Você desenvolveu um plano de curso para a disciplina Educação Física para o ano letivo de 2012?**

- a. ( ) Sim. b. ( ) Não.

**3.6.1 Se SIM, no plano de curso foram contempladas as necessidades educacionais especiais de seus alunos?**

- a. ( ) Sim, para todas as aulas.  
b. ( ) Em parte, para algumas aulas.  
c. ( ) Não, para nenhuma.

**3.7. Como os alunos com necessidades educacionais especiais são tratados pelos demais alunos nas aulas de Educação Física?**

---

---

---

---

---

---

**3.8. Enquanto professor de alunos com necessidades educacionais especiais, quais os sentimentos que apresenta diante esses alunos. De acordo com a intensidade, enumere-os de 0 a 12?**

a. ( ) Bem-estar.

e. ( ) Prazer.

i. ( ) Insegurança.

b. ( ) Medo.

f. ( ) Alegria.

j. ( ) Solidariedade.

c. ( ) Raiva.

g. ( ) Indiferença.

k. ( ) Colaboração.

d. ( ) Impotência.

h. ( ) Angústia.

l. ( ) Cooperação.

***Pela Atenção, Obrigado!***



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA  
CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PÓLO PLANALTINA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO  
NA PESQUISA**

Sua instituição está sendo convidada para participar, como voluntária em uma pesquisa. Os sujeitos que irão participar serão devidamente esclarecidos sobre as informações acerca da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo. Deste modo, pedimos a sua autorização para que possamos convidar os integrantes de sua instituição a participar da pesquisa acadêmica relacionada abaixo, assinando este documento de consentimento da participação institucional, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa a instituição não será penalizada de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Pólo Planaltina do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília pelo telefone (61) 3107-2555.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** As Contribuições do Professor para a Inclusão de Alunos com NEE's nas Aulas de Educação Física do IFB - *Campus* Planaltina.

**Responsável:** Ana Amélia Neri Oliveira

**Descrição da Pesquisa:**

Esta é uma pesquisa desenvolvida para o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília, com o objetivo de identificar as contribuições do professor para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física do Curso

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária IFB - *Campus* Planaltina, na perspectiva da diversidade.

**Observações Importantes:**

A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados, bem como possíveis imagens, serão sistematizados e posteriormente divulgado na forma de um texto monográfico, que será apresentado em sessão pública de avaliação disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

**TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ responsável pela  
instituição \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ autorizo,  
conforme abaixo assinado, a utilização para fins acadêmico científicos do conteúdo do (teste, questionário, entrevista concedida e imagens registradas - o que for o caso) para a pesquisa: **As Contribuições do Professor para a Inclusão de alunos com NEE's nas Aulas de Educação Física do IFB - *Campus* Planaltina.** Fui devidamente esclarecido pelo (a) estudante: \_\_\_\_\_,  
Matrícula \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os seus objetivos e finalidades. Foi-me garantido que a instituição ou qualquer um de seus participantes poderão desistir de participar em qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Também fui informado que os dados coletados durante a pesquisa, e também imagens, serão divulgados para fins acadêmicos e científicos, através de Trabalho Monográfico que será apresentado em sessão pública de avaliação e posteriormente disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

Planaltina-DF, \_\_\_\_\_, de Maio de 2012.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA  
CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PÓLO PLANALTINA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO  
NA PESQUISA**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Pólo Planaltina do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília pelo telefone (61) 3107-2555.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** As Contribuições do Professor para a Inclusão de Alunos com NEE's nas Aulas de Educação Física do IFB - *Campus* Planaltina.

**Responsável:** Ana Amélia Neri Oliveira

**Descrição da Pesquisa:**

Esta é uma pesquisa desenvolvida para o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília, com o objetivo de identificar as contribuições do professor para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Agropecuária IFB - *Campus* Planaltina, na perspectiva da diversidade.

**Observações Importantes:**

A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados, bem como possíveis imagens, serão sistematizados e posteriormente divulgado na forma de um texto monográfico, que será apresentado em sessão pública de avaliação disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

### TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ abaixo assinado, autorizo a utilização para fins acadêmico científicos do conteúdo do (teste, questionário, entrevista concedida e imagens registradas - o que for o caso) para a pesquisa: **As Contribuições do Professor para a Inclusão de alunos com NEE's nas Aulas de Educação Física do IFB - Campus Planaltina.** Fui devidamente esclarecido pelo (a) aluno(a)

\_\_\_\_\_, Matrícula \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os seus objetivos e finalidades. Foi-me garantido que a instituição ou qualquer um de seus participantes poderão desistir de participar em qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Também fui informado que os dados coletados durante a pesquisa, e também imagens, serão divulgados para fins acadêmicos e científicos, através de Trabalho Monográfico que será apresentado em sessão pública de avaliação e posteriormente disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

Planaltina-DF, \_\_\_\_\_, de Maio de 2012.

\_\_\_\_\_  
Nome do Professor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor